

GUERREÑO SANZ, María Teresa López; MIRANDA GARCÍA, Fermín; CABRERA SÁNCHEZ, Margarita (ed.) (2021). *Migravit a seculo. Muerte y poder de príncipes en la Europa medieval. Perspectivas comparadas*. Madrid: Sílex Ediciones, 752 pp., ISBN: 978-84-18388-68-2.

A obra editada por María Teresa López de Guereño Sanz, Fermín Miranda García e Margarita Cabrera Sánchez – esta da Universidad de Córdoba e aqueles da Universidad Autónoma de Madrid – é uma compilação de artigos produzidos ao longo de quatro anos do projeto intitulado *La muerte del príncipe en Francia y en los reinos hispánicos (siglos XI-XV)*. Iniciado no ano de 2017, integrou cerca de vinte investigadores, envolveu cinco países e uma dezena de universidades (p. 11), que contribuíram para que a temática da morte entre o meio nobiliárquico fosse analisada e explorada nas suas variadas facetas. Para a divisão do livro, recorreu-se ao vocabulário litúrgico – I) in hora mortis nostrae; II) requiescant in pace; III) in saecula saeculorum –, assim enquadrando os artigos de acordo com os respetivos temas. Segundo os editores a divisão deu-se através dos três tempos oferecidos pela morte: o primeiro que vai desde a elaboração dos testamentos e demais atos preparatórios para a morte até o dia do falecimento; o segundo, que por sua vez, diz respeito às cerimónias e rituais fúnebres que envolvem o corpo já sem vida; e finalmente, o último tempo, que vai da conservação à perda da memória dos que morreram (p. 12).

A primeira parte conta com nove artigos e inicia-se com “Oligarquía y testamentos en tudela: el linaje ujué en el protocolo de Martín Garceiz Don Costal (1381-1383)”, escrito por Alicia Montero Málaga, da Universidade Autónoma de Madrid. A autora debruça-se sobre o tema a partir do fundo de protocolos notariais de Martín Garcéiz Don Costal, do Archivo Municipal de Tudela, Navarra, e percorre os vestígios históricos da família Ujué. Para além de traçar a linhagem da sobredita família nos fins do século XIV e identificar as personagens femininas deste meio, bem como o seu raio de ação na manutenção das relações sociais do grupo familiar no âmbito social, político e económico, tal artigo oferece um contributo para o estudo da relação das elites urbanas face à morte. O desenvolvimento do trabalho a partir das fontes notariais ressalta o quanto frutíferas são as diferentes naturezas de documentos, como os codicilos e testamentos, quando se procura o reflexo da morte na materialidade das fontes medievais.

Sobre a história das mulheres, no âmbito temático da primeira parte, Margarita Cabrera Sánchez, da Universidad de Córdoba, intitulou o seu artigo “Sub umbra mortis: La maternidad entre las mujeres de la realeza hispánica medie-

val” (p. 63). A partir de cartas, tratados médicos e testemunhos documentais, a autora analisou “as circunstâncias do falecimento” (p. 64) das mulheres da realeza que vieram a óbito por complicações no parto; não obstante o recorte realizado por Sánchez pretenda ainda captar a cenografia dos nascimentos régios (p. 64) visto que, na tentativa de afastar o perigo da morte, muitos objetos de uso religioso e supersticioso eram assim evocados. Este artigo destaca-se do conjunto da obra, considerando a especificidade dos objetivos traçados e alcançados. A hora do parto é, talvez, até hoje, um dos momentos mais sensíveis e decisivos na vida da mulher e dos demais envolvidos. A análise dos partos régios mostra-se uma das mais genuínas vias em que se pode testemunhar a delicada relação das pessoas que viveram no período medieval face à morte.

O artigo apresentado por Érika López Gómez, da Universidade Autónoma de Madrid, tem um caráter mais paleográfico e diplomático. Tem como título “Aportaciones al estudio del diálogo y razonamiento entre Don Fernando Álvarez de Toledo y el Doctor Pero Díaz, en la muerte del Marqués de Santillana” (p. 85), o mesmo título do manuscrito original encontrado na Biblioteca Nacional de Espanha. Inicialmente a autora elabora uma pequena biografia de Pedro Díaz de Toledo, médico e autor do dito documento. Posteriormente, parte para a prospeção arqueológica do manuscrito (p. 87) abordando a organização do documento e a divisão dos respetivos capítulos. Pedro Díaz utilizou o diálogo, tal como os da Antiguidade, para explicitar o caráter poliédrico das reflexões teológicas presentes (p. 91) a partir, claro, da morte do marquês de Santillana.

O último artigo referente à primeira parte da obra, “La muerte de los obispos en el rito hispano” (p. 189), da autoria de Alejandro Sánchez García, da Universidade Autónoma de Madrid, apresenta como objeto de estudo as obras *Liber Ordinum episcopal*, *Liber commicus*, *Missale Mixtum* e *Antifonario visigótico-mozárabe de la Catedral de León* (p. 190), objetivando analisar a figura dos bispos dentro dos textos litúrgicos relativos à hora da morte. O autor faz uma sólida introdução da morte no rito hispânico, antes de proceder às análises eucológicas das exéquias dos bispos, a partir das orações e bênçãos presentes nos documentos acima mencionados. Para além de aparar arestas a futuras investigações relativas ao tema, o autor conclui que a liturgia se adequa (p. 203) aos status sociais dos ditos bispos durante a Alta Idade-Média. Não obstante, o artigo é indispensável a quem se dedica a estudar as diferenças entre os ritos hispânicos e romano a partir dos domínios da morte.

Marta Serrano Coll, da Universidade Rovira i Virgili, Tarragona-Templa, abre a segunda secção da obra com seu artigo “Materialidad e Inmaterialidad, convencionalismos y particularidades en los funerales del Rey de Aragón: Jaime II (1292-1327) como estudio de caso” (p. 207). A partir de fontes escritas e de

expressões artísticas, a autora objetiva analisar como a aproximação da morte e a morte em si se fizeram sentir no seio da realeza de Aragão. Para tal selecionou trechos de cartas de Jaime II que dizem respeito ao óbito da rainha Blanca, o testamento do sobredito monarca bem como representações iconográficas tumulares. O artigo termina com a defesa de que, durante o reinado de Jaime II, as originalidades perante a morte fizeram parte de um projeto com dois objetivos: a exaltação da instituição monárquica e destacar a retórica régia (p. 242). Essa conjuntura mostrar-se-ia pioneira na tradição dos reis e rainhas da coroa de Aragão no período medieval.

A segunda parte do livro também contém um artigo redigido por Hermínia Vasconcelos Vilar, da Universidade de Évora, intitulado “Geografías y espáacios de la muerte regia en Portugal (siglos XIII-XIV)” (p. 383). Tendo como referente a figura de D. Fernando, último representante da primeira dinastia portuguesa a ocupar o trono real, a autora propôs alcançar os fatores que compõem os espaços da morte relacionando-os com o controlo e conquista do território (p. 385). Para tal, serve-se da análise testamentária dos primeiros reis portugueses. Do conjunto de fontes selecionadas a autora salienta diversos aspetos, tais como a escolha do local de sepultura, as cerimónias fúnebres, e a construção e manutenção de panteões familiares régios, os quais foram decisivos para a construção mental e devocional de um centro de um Portugal régio (p. 404).

Além dos já referidos, a obra apresenta mais dez artigos sobre a temática da morte régia. É o caso da análise das nove lecciones do Livro de Jó, feita por Ignacio Cabello Llano (p. 263), da Universidade Autónoma de Madrid. Saliento também o artigo de Manuel Campo Martín e Armando Gonzáles Martín, do departamento de Biología da Universidade Autónoma de Madrid, intitulado “Singularidades, desde una perspectiva actual, de algunos estúdios de esqueletos singulares” (p. 373). A variedade de abordagens apresenta-se ao leitor(a) também como guia e incentivo à produção de conhecimento histórico a partir da morte no meio nobiliárquico.

A última parte do livro analisa, sobretudo, a memória dos reis defuntos e as estratégias da sua manutenção dentro dos reinos peninsulares. Destaco o estudo comparado intitulado “Rituales funaerarios y memoria regia. Tres modelos medievales comparativos (Castilla, Aragón, Portugal)” (p. 449), escrito por Ariel Guiance da Universidade Nacional de Córdoba. A ficção e a crença da propaganda e o direito soberano, a memória e a legitimidade real (p. 467) são fatores que foram muito bem clarificados a fim de se compreender as originalidades e objetivos de cada modelo monárquico em estudo.

A manutenção da memória das mulheres pertencentes ao ciclo real também está presente nesta terceira parte da obra através de Isabel Ruiz de la Peña

González, Universidad de Oviedo, autora do artigo intitulado “Enterrar a las mujeres de los reyes de León (1100-1230 CA.): sepulcros y memoria feminina en el románico” (p. 469); e de Carmen Benítez Guerrero, Universidade de Sevilha, que redigiu o artigo “La muerte de María de Molina y La construcción de su memoria: ¿una estória de la reina?” (p. 505).

A obra termina com o estudo de Carlos de Ayala Martínez, da Universidade Autónoma de Madrid, através do qual percorre o percurso do projeto internacional liderado pelo professor Fermín Miranda García, além de tecer comentários sobre os artigos publicados no livro. Deste modo, *Migravit a Seculo* é indispensável a todas(os), as investigadoras(es) ou curiosas(os), que desejam debruçar-se sobre a temática da morte no seio das realezas peninsulares da Idade Média. Não obstante, destaca-se a variedade de abordagens referentes aos estudos da morte, as quais rompem caminhos historiográficos e sugerem ao leitor(a) várias possibilidades de investigação a desenvolver no futuro. A obra em si explora o caráter poliédrico da pesquisa histórica e contribui, com um viés qualitativo notável, para os progressos no campo da história da morte, bastante importantes, sobretudo se considerarmos que recentemente se viveu um período de grande mortandade devido a uma situação de pandemia.

GABRIEL MARTINEZ BONORA

Universidade de Coimbra, CHSC

gabriel.m.bonora@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8751-253X>

